CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FRANK BORZAGE – O LUGAR MAIS SAGRADO
12 de novembro de 2026

HUMORESQUE/ 1920

Um filme de Frank Borzage

Realização: Frank Borzage/ Argumento: Frances Marion, segundo uma história de Fannie Hurst/ Fotografia: Gilbert Warrenton/ Intérpretes: Alma Rubens (Gina Berg), Vera Gordon (Mama Kantor), Dore Davidson (Abraham Kantor), Gaston Glass (Leon Kantor), Bobby Connelly (Leon Kantor, em criança), Sidney Carlyle (Mannie Kantor), Helen Conelly (Esther Kantor, em crianga), Ann Wallick (Esther Kantor), Joseph Cooper (Isadore Kantor, em crianga), Maurice Levigne (Isadore Kantor), Alfred Goldberg. (Rudolph Kantor, em criança), Edward Stanton (Rudolph Kantor), Louis Stern (Sol Ginsberg), Maurice Peckre (Boris Kantor), Ruth Sabin (Mrs. Isadore Kantor), Frank Mitchell (Baby Kantor), Miriam Battista (Minnie Ginsberg). Produção: Cosmopolitan Prod. para a Paramount/ Cópia: de preservação cedida gentilmente pelo UCLA Film & Television Archive, 35mm, preto e branco, com tintagens, muda, com intertítulos em inglês e legendada eletronicamente em português / Duração: 74 minutos a (20 fps) / Estreia Mundial: Criterion, Nova Iorque, em 30 de Maio de 1920/ Inédito em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: “Ciclo Frank Borzage”, 1990.

Quando realiza HUMORESQUE Borzage já tinha atrás de si filmes a que as críticas de então tecem rasgados elogios (THE GUN WOMAN, TOTON, WHOM THE GODS WOULD DESTROY), numa carreira de mais de 20 filmes realizados. O que HUMORESQUE traz de novo é como que uma codificação da obra futura tanto nos temas (o amor que tudo transcende, e a visão religiosa da vida e da família, o espírito de sacrifício) como na forma (a atenção realista pelos pormenores, num percurso eminentemente romântico, e imagens cuja estilização reflectem uma vontade de sacralização, nas espantosas imagens da mãe Kantor no templo, com uma luz irreal que se projecta sobre ela, como que exprimindo a sua relação com Deus, no mesmo sentido transcendente que tem a luz final de THE SEVENTH HEAVEN e A FAREWELL TO ARMS). Mas também na própria estrutura da intriga, que perde a sua função dominante, para se tornar uma sucessão de “momentos”, de pura emoção, de sentimentos e ideias materializadas que encontra o seu momento maior no sublime THE RIVER. Como este, HUMORESQUE é menos uma história do que uma manifestação de emoções, de riso, lágrimas, de ternura. Não é ainda a paixão exacerbada que une dois seres isolados do mundo que os rodeia, mas é o primeiro passeio num percurso ascendente que vai levar às obras-primas conhecidas (e em que um dos momentos mais surpreendente é THE NTH COMMANDMENT). É talvez essa quase ausência de uma história que terá provocado a estranheza dos produtores perante o produto final. O filme esteve em risco de não ser mostrado ao público (como conta Peter Milne) porque o estúdio (a Paramount) não acreditava na possibilidade de êxito, dada a sua falta de intriga habitual, e porque decorria inteiramente entre personagens judeus. Lançado sem muita convicção o filme tornar-se-ia um êxito inesperado, e um triunfo de crítica. Em 1947 seria refeito pela Warner Bros. sob a direcção de Jean Negulesco e com John Garfield e Joan Crawford nos papéis que aqui cabem a Gaston Glass e Alma Rubens.
Um exemplo dessa “diferença” está na elipse da guerra. Esperar-se-ia, naturalmente, assistir sequências bélicas de uma guerra que acabara havia dois anos, e onde o personagem do violinista sai com o braço paralisado. Se tal não acontece não é por

falta de meios. Borzage nunca abandonará esta fórmula elíptica de contar, mesmo quando a guerra está presente, reduzindo-a, nas suas obras mais elaboradas, a uma montagem de planos mais simbólica do que realista, cuja brevidade lhe dá um carácter fantasmático. Neste filme a elipse é total (como é a da batalha de que os dois sobreviventes dos THREE COMRADES ouvem os ecos no final deste filme), substituída pelo segundo plano da mãe Kantor no templo.

Os primeiros planos do filme traçam de imediato esse universo peculiar de Borzage, levando-nos para as ruas do bairro judeu de Nova Iorque com imagens de um realismo que testemunham a herança de Ince (lembrando THE ITALIAN). Nesse universo triste, de garotos sujos, surge de repente um "anjo da rua", a menina que recolhe o gato moribundo lançado num caixote de lixo. De um plano para o outro transcende-se a realidade sórdida para uma imagem espiritualizada. É neste tipo de "saltos", num percurso em espiral, que marca a progressão dos filmes de Borzage a partir de HUMORESQUE, no que se poderiam chamar "raccords espirituais". Outro exemplo é o que nos faz saltar no tempo, da infância de Leon Kantor para o adulto já músico célebre, tocando perante os Reis de Itália, num corte apenas pontuado pelo movimento do violinista.

Mas onde a arte de Borzage se manifesta já com todo o seu fulgor é na magistral sequência final, com o "milagre" que, nas mãos de qualquer outro realizador poderia ser risível. Borzage sublinha bem que se "milagre" existe é provocado pelo amor. Neste momento não se trata apenas da fé de mãe Kantor ("Deus ouve sempre as preces de uma mãe"), mas de uma força maior, aquela que "ressuscita" Chico em THE SEVENTH HEAVEN e John em THE RIVER, a do amor, espiritual sim, mas também profundamente físico. E o próprio cenário em que decorre abre já o caminho para as imagens mais puras do cinema de Borzage: as amplas janelas ornamentadas pelas flores da primavera onde tem lugar o sacrifício e a transfiguração. Após o pedido de Leon para que Gina parta, um plano mostra-a fechando a porta e através da cortina, vemo-la cair desmaiada. No momento seguinte Leon corre e ergue-a nos braços. O "milagre" que teve lugar é apresentado sem qualquer manifestação transcendente. É o puro movimento do amor que supera a realidade.

Em HUMORESQUE Borzage encontra pela primeira vez Fanny Hurst, escritora especializada em "melodramas" onde Stahl e Sirk irão também inspirar-se. Borzage voltará, neste período de formação, mais duas vezes à suas obras, em THE GOOD PROVIDER e no belíssimo THE NTH COMMANDMENT.

Manuel Cintra Ferreira

_____

Texto originalmente escrito em 1990.